

A ESCRITA DO CORPO

Com experimentos em tinta e papel, *Fluxos em Preto e Branco* mostra que a cia. Flutuante deve reavaliar objetivos

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

A série de experimentos que formou *Fluxos em Preto e Branco*, uma iniciativa da Companhia Flutuante, encerrou-se no Sesc Pompeia, com a participação de dois artistas convidados: Suiá Burger Ferlauto e Roberto Freitas. Foram realizadas duas atividades distintas e relacionadas: uma apresentação cênica com Letícia Sekito, a criadora e diretora da companhia, Alex Rattton e Priscila Jorge, que foi dirigida por Suiá; e uma instalação de Roberto Freitas, que recebeu um título à parte, *Três*.

A companhia tem dez anos e uma trajetória marcada por interesses variados. Letícia Sekito lançou-se com uma trilogia de solos – *Disseram que eu era japonesa* (2004), *E Eu Disse* (2007), *O Japão Está Aqui* (2008) –, nos quais propunha discutir as implicações culturais da sua aparência de japonesa. Nessa época, a dos seus primeiros cinco anos de atividades, recebeu um importante apoio da Fundação Japão.

Seus interesses em relação ao Japão jamais desapareceram e o nome escolhido para a companhia representa um atestado público disso. O “mundo flutuante” (Ukiyo, em japonês) vem do período Heian (794-1185), mas se firmou bem depois, no século 17 (período Edo, 1600-1867), e identifica uma atitude que tem algo a ver com a necessidade de viver o momento presente.

No site (www.companhiaflutuante.com) consta: “A Companhia Flutuante se interessa pelo hibridismo cultural e se inspira em elementos estéticos japoneses e no ‘Mundo Flutuante’, onde o corpo, o prazer, a fruição do momento e a imaginação ocupam um espaço significativo nas suas reflexões e produções artísticas a serem compartilhadas no mundo”.

Se, no princípio, o Japão cir-



INÊS CORRÊA/DIVULGAÇÃO

Compassos.
Rastros de
ações gravados
no papel

cunscreeveu um tipo de investigação que alimentou três solos, hoje, na opção pelo “mundo flutuante”, perdeu a capacidade de irrigar uma construção de corpo na trajetória da companhia. A exceção é a qualidade que Alex Rattton imprime a cada um de seus gestos, mas seu modo de mover-se não vem da companhia. Assim, nos trabalhos mais recentes como *Flutuante* (2011) e, sobretudo, neste *Fluxos em Preto e Branco*, são as exterioridades que se impõem, e não o que acontece com o corpo em cena.

As espacialidades, os objetos que as povoam, sua sonorização, os figurinos – tudo isso, que é sempre muito cuidado, passa para o primeiro plano. Mas o que os corpos aí fazem, não decola de um estágio sempre preliminar, permanentemente grávido de uma necessidade de mais estudo, mais dedicação e mais aprofundamento.

No caso específico de *Fluxos em Preto e Branco*, o interesse declarado era o de combinar

corpo e escrita, e ele se realizou sem complexidade: buscou “escrever” com tinta a movimentação do corpo no espaço. Já no trabalho de Roberto Freitas, sobressai a artesanaria dos objetos criados e o delicado cruzamento de referências tecnológicas e materiais (programação computadorizada, teatro de sombras, mecanização...).

Como se trata de uma companhia que recebe frequentemente financiamento (Proac, em 2006 e 2009; Rumos Dança Itau Cultural, em 2006/07; Funarte Dança Klauss Vianna, em 2009; Prêmio Funarte Redes Artes Visuais, em 2011; e Fomento à Dança, em 2010 e 2012), talvez funcione como um alerta. Trata-se de apenas mais um, dentre dezenas de exemplos que hoje abundam, de problemas da mesma ordem: a necessidade de produzir permanentemente instaurada pelo sistema de editais pode estar trazendo consequências muito inadequadas para a vitalidade que poderia estar existindo.